



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 26 DE SETEMBRO DE 2002

Meus caros companheiros de mesa; Senhoras e senhores; Senhores premiados,

Eu, na verdade, deveria ser dispensado de falar hoje, porque já participei, aí, do vídeo, sem saber. Falar duas vezes, para o Presidente, é muita coisa, muito cansaço. Mas tenho a satisfação de estar aqui mais uma vez.

O Ministro Ronaldo Sardenberg disse – e é verdade – que estive presente em todas as outorgas deste prêmio, porque acho que a inovação tecnológica passa a ser algo central para o Brasil. Temos avançado bastante.

Vimos os discursos feitos pelo Doutor Mauro Marcondes e pelo Embaixador Sardenberg, que mostraram de forma bastante clara o quanto se avançou nestes últimos tempos nessa matéria aqui, no Brasil. Acho que tanto o MCT quanto a Finep têm dado uma contribuição importante.

A premiação de uma instituição de pesquisa é um passo adiante para mostrar que o trabalho de criatividade é um trabalho coletivo: não só das pessoas, não só das empresas, mas das instituições de pesquisa também. Realmente é coletivo. Só quem não conhece a produção inte-

lectual pode imaginar que, no isolamento, alguém faz alguma coisa. Alguns podem estar solitários, mas, na solidão, estão pensando junto com outros, estão respondendo aos desafios postos por outros. Há sempre a necessidade de uma articulação. E essa articulação, hoje, é mais fácil. Hoje, temos redes que se articulam, temos instrumentos que permitem, com muito mais rapidez tecnológica, o acesso à informação. E, no caso do Brasil, estamos vendo que isso tem surtido efeito.

É certo que temos manifestado a nossa preocupação. Tanto o Ministro quanto todos nós temos manifestado preocupação no sentido de que é preciso que haja mais inovação na área tecnológica. Temos avançado mais na área da pesquisa pura do que na área da pesquisa aplicada, sobretudo na área da tecnologia. Muitas vezes, o patentear alguma coisa não significa a descoberta de um parâmetro novo, um paradigma novo que modifique toda a maneira de se pensar e sentir. Mas significa um avanço num processo produtivo. Às vezes, um pequeno avanço. Talvez porque não tenhamos dado tanta importância a esses pequenos avanços, que são verdadeiramente os que servem de base para as grandes transformações, o Brasil ainda esteja acanhado no que diz respeito ao registro de patentes. Quando vemos o que acontece no Brasil e comparamos com países como a Coréia do Sul – nem vou dar os números, porque não gosto de dar notícias que não são boas –, sentimos que precisamos, realmente, avançar muito mais, sobretudo nessas áreas de maior desenvolvimento de processos, de pequenas tecnologias e assim por diante.

Hoje, estamos premiando inovações muito importantes. Algumas não têm nada a ver com pequenos desenvolvimentos tecnológicos: têm a ver com grandes desenvolvimentos tecnológicos. Assim como as instituições premiadas têm realmente a ver com projetos que são de uma amplitude muito maior.

Mas quero dizer que isso está avançando, de toda forma, e que temos trabalhado para montar um quadro de referência jurídico-institucional que ajude o desenvolvimento da criatividade e da inovação tecnológica. Estou enviando uma exposição de motivos ao Congresso, pedindo urgência constitucional para a Lei da Inovação, que já discutimos em

algumas oportunidades e que vai permitir um incentivo adicional na questão da inovação, inclusive que haja um trabalho feito, às vezes, dentro da indústria e conectado com a universidade, no qual o próprio trabalhador, o próprio cientista se desloque da universidade para o setor produtivo e mantenha a sua qualidade de pesquisador.

Isso pode parecer uma banalidade, mas é muito difícil. É tão difícil que tivemos que lutar muito – o Embaixador sabe – para mudar a nossa tradição jurídica, que separa o público do privado de maneira radical, não percebendo, portanto, que, no mundo de hoje, tem que haver uma parceria entre o público e o privado e que, muitas vezes, não tem sentido dizer que alguém, porque está no setor privado naquele momento, numa pesquisa, por isso não pode ter uma conexão com a universidade ou com uma instituição de pesquisa porque é pública. Não tem sentido. Então, estamos modificando essas questões.

O fato é que, pouco a pouco, vemos que o Brasil vai mudando a sua fisionomia em matéria de desenvolvimento científico e tecnológico. E os dados são bastante eloquentes. O Ministro Sardenberg mencionou o número de doutores produzidos. Em 1993, produzíamos mil doutores por ano. Agora, são 6 mil. Isso é comparável com a Espanha, com a Itália, com o Canadá, com a China. Nós estamos nesse grupo de países e, às vezes, não nos damos conta de que houve uma modificação muito grande.

Ele falou em um número assustador de doutores. Fiquei até com medo, porque, daqui a algum tempo, poucos meses, eu pretendo voltar à comunidade científica e vejo que a concorrência está muito pesada. Lembro-me de que, na Alemanha, eles usam um sistema diferente do nosso. Lá, eles perguntam quantas vezes a pessoa é doutor: “*Zweimal Doktor? Dreimal Doktor?*” Quer dizer, se é duas ou três vezes doutor. Então, quem sabe eu possa dizer que sou três vezes doutor e possa entrar na competição? Doutor sem ser por título honorário, porque na universidade é assim: você tinha três títulos até chegar à cátedra.

De qualquer maneira, brincadeira à parte, é uma massa de doutores e uma massa de mestres, que são mais numerosos ainda do que os doutores –, o que mostra que, realmente, nós temos o necessário para a

continuidade do processo de desenvolvimento científico e tecnológico, que é densidade na nossa produção intelectual.

Nesses anos, trabalhamos com afinco nessa direção. Basta dizer que, nesses oito anos, o CNPq concedeu tantas bolsas, ou vai conceder, até o fim deste ano, quanto tudo que foi feito no Brasil desde que o CNPq existe. Desde 51-52, não me lembro exatamente. Em 51, nós concedemos bolsas numa quantidade equivalente a tudo que foi feito no Brasil. Isso significa que houve uma mudança qualitativa, porque essa quantidade vira qualidade, porque são bolsas que viram doutores, mestres. Há um desenvolvimento efetivo de um sistema de produção científica e tecnológica.

Eu me referi, muitas vezes, nas várias oportunidades que tive de discorrer sobre essa matéria, que o Brasil nessa área não esteve atrás das modificações ocorridas no século passado. O século passado é o XX. Não esteve atrás, porque as nossas instituições de pesquisa nasceram junto com as grandes fundações americanas e européias. E agora nós estamos vendo que estamos acelerando o passo, de tal forma que hoje nós temos uma participação na produção científica e tecnológica internacional. Mais científica do que tecnológica. De qualquer maneira, muito apreciável: 1.4% das publicações, de acordo com os critérios estabelecidos para algumas agências de controle, é produzido no Brasil. Isso significa que 40% de toda a produção científica latino-americana é brasileira. É uma coisa já bastante expressiva.

Ainda temos algum problema. Outro dia, eu estava almoçando com o Professor Alain Touraine, velho amigo meu, e estávamos conversando sobre isso. Ele hoje está ligado ao Conselho da Universidade de São Paulo. E ele me dizia que havia um problema no qual se devia prestar atenção: é que ainda há uma concentração em algumas poucas instituições brasileiras. Esses prêmios são muito importantes, porque começam a mostrar aos brasileiros, a nós todos, que existe a possibilidade de espalhar esse processo pelo Brasil todo. É muito ruim que a produção científica ou tecnológica seja concentrada. É bom que ela esteja, realmente, dispersa por toda a sociedade e por todo o País. De qualquer maneira estamos avançando.

Alguns exemplos são típicos. O projeto genoma fez furor nas áreas acadêmicas e não sem razão, porque, realmente, foi um projeto que articulou, pelo Brasil todo, através de redes: há cientistas de várias partes trabalhando neles. A descrição do DNA de seres vivos é algo importante e está sendo feito aqui, no Brasil, com muito afinco, trabalho esse hoje vinculado também – e tem que ser assim mesmo – às redes de pesquisa em outros países do mundo. E não é só nessa questão do genoma.

Não canso de fazer referências merecidas e elogiosas à Embrapa, que está por trás de todo o desenvolvimento da agricultura brasileira. Não fosse a Embrapa, nós não teríamos a oportunidade, que temos hoje, de nos orgulhar de estarmos na vanguarda da agricultura tropical no mundo. Há poucos instantes, estava almoçando, neste mesmo prédio, com o Presidente da Argentina e estávamos conversando sobre isto: que o Brasil e a Argentina juntos, hoje, temos uma produção, só de grãos, de 170 milhões de toneladas de grãos. O Brasil tem 100, dessas 170. E isso foi feito num espaço de tempo curto, menos de 10 anos. Quase que dobramos a nossa produção. Por quê? Porque houve aumento da produtividade. Por que houve aumento da produtividade? Há novas variedades, novas sementes, novas formas de cultivo. E isso não nasce do céu. Isso nasce do esforço dos laboratórios, isso nasce da existência de instituições que asseguram condições e um clima para que as pessoas possam pesquisar de forma eficiente.

Hoje, nós estamos aqui assistindo à premiação de um laboratório ligado à Petrobras, e esse laboratório e essa empresa são o orgulho nacional. De igual modo o fato de que estamos na vanguarda da pesquisa de petróleo em águas profundas. Assim como temos hoje uma grande agricultura tropical no mundo, nós temos hoje capacidade tecnológica de explorar petróleo em águas profundas. Graças a quê? Ao desenvolvimento científico e tecnológico, que permitiu que houvesse esse salto qualitativo. Nós podemos já antever, com o que tem acontecido nesses últimos anos, o que vai acontecer no Brasil em termos de produção de gás e de petróleo. Basta dizer que, de 95 para cá, nós mais que dobramos a produção de petróleo: passamos de 700 mil barris diários para 1 milhão e 500 mil barris diários.

Em pouco tempo mais, seremos auto-suficientes. Embora não seja isso uma necessidade para um país, é conveniente. E, mais ainda, nós, já, agora, mês passado, segundo me disse o Dr. Gros, exportamos mais derivados de petróleo do que importamos. E, do ponto de vista da balança comercial, já conseguimos um êxito, porque, ao fazer seu refino, produz-se mais gasolina do que o Brasil consome. Precisamos, por outro lado, importar mais diesel. Exporta-se a gasolina e importa-se o diesel. Então, do ponto de vista cambial, nós conseguimos avançar.

Vemos, portanto, que é muito significativo o que está acontecendo. E acho que isso que está acontecendo tem que se intensificar. Por isso, sob a orientação nossa, do Ministro Sardenberg e minha, e apoio do Ministério, dos técnicos do Ministério, dos competentes gestores do Ministério, de seu Secretário Executivo, com o apoio do Governo Federal, ampliou-se muito a rede de recursos para a pesquisa científica e tecnológica. Foram criados, nesses anos, 14 fundos setoriais de pesquisa e até o fim do ano estarão funcionando. Mas o fato é que isso vai significar, com o tempo, uma disponibilidade de recursos de certa magnitude: em moeda de hoje, mais ou menos, um bilhão de reais por ano -- o que significa uma verba jamais sonhada por qualquer cientista brasileiro. Seria impensável tanto recurso posto à disposição da pesquisa. Não está posto ainda. Alguns desses fundos já estão começando a render. Alguns já têm dinheiro sobrando, porque não houve ainda quantidade de demanda suficiente. Mas é questão de tempo. Porque sabem que, quando tem dinheiro, a demanda aparece.

De modo que o fato é que estamos criando, realmente, condições institucionais para a continuidade desse processo de transformação pela qual a sociedade está passando.

Com tudo que se possa dizer e com todas as deficiências que os institutos de pesquisas e as universidades apresentam, com toda a falta de recursos e com os contingenciamentos, que são, enfim, azares da nossa vida contemporânea, com tudo isso os avanços são significativos. A formação de pessoal continua, a qualidade do pessoal aumenta, a disponibilidade para o trabalho também, além do fato de termos, hoje, essas premiações, esse incentivos; e recursos permanentes também. E o

fato de as pessoas competirem. Vi com agrado, aqui, quando se anunciavam os nomes, que os ganhadores ficavam felizes, batiam palmas, eram exuberantes, às vezes, na manifestação do seu júbilo por terem ganho o prêmio. O que é muito bom. O que mais uma pessoa que vive na área acadêmica deseja é reconhecimento, já que salário não tem mesmo. Reconhecimento. E não é diferente do Governo Federal: salário não, mas, quem sabe, o reconhecimento.

Então, acho muito importante nós estarmos aqui vendo que existe já um estímulo e um certo reconhecimento. E não é por outra razão que eu tenho, até mesmo – muitas vezes, com dificuldade, porque a minha agenda às vezes é pesada – feito questão de, não só neste prêmio, mas em manifestações do Governo Federal de reconhecimento pelos avanços nessas áreas que são fundamentais para o Brasil, seguir adiante e comparecer pessoalmente. E até sob pena de ser cansativo, porque sou obrigado a falar. Aqui, é como se diz em inglês: “*No free lunch*” – é convidado de alguma festa, tem que falar. Foi a um almoço, tem que fazer pelo menos um brinde. Sob pena de ser cansativo, porque, de fato, a inovação, na minha idade já é mais difícil. Tenho que repetir muitas vezes o que já disse em outras ocasiões, e o faço com gosto.

Não sei se os que ouvem têm, mas eu tenho enorme gosto em dizer que estou muito contente com os avanços da ciência e tecnologia.

Parabéns a vocês.